



## DOSSIÊ VILÉM FLUSSER – FILOSOFIA E FICÇÃO

A tarefa da desmistificação da verdade acompanha a história da filosofia desde seus primórdios, ainda que o esforço predominante dos filósofos tenha sido, e em parte ainda continue sendo, o de encontrar os fundamentos do verdadeiro conhecimento e, por consequência, da verdadeira realidade. A obsessão pela verdade, do racionalismo de Platão à ciência moderna, forjou a ideia de *ficção* como oposição ao discurso verdadeiro e, portanto, falsificação da realidade. É apenas contemporaneamente que a desmistificação da verdade como trabalho filosófico vai encontrar caminho (método) que possibilite reaproximar a filosofia da ficção. A verdade do mito esclarece o mito da verdade. Nietzsche (1844-1900) certamente merece ser lembrado e relembrado, pois é ele quem começa a desferir golpes de martelo para mostrar que a verdade sempre foi tão somente um conjunto de metáforas a serviço de noções morais interessadas em ordenar a realidade. Mas é um filósofo brasileiro, ainda que nascido na antiga Tchecoslováquia, quem vai propor uma sentença demolidora do senso mítico da filosofia em torno da verdade: *a ficção é a única realidade* – trata-se de Vilém Flusser (1920-1991). No entanto, *ficção* não é propriamente o contrário de *verdade*, mas o aspecto mais essencial de nossa condição racionalizante e do qual depende a constituição dos discursos ditos verdadeiros. A ficção é anterior à verdade.

Evidentemente que ao afirmar *ficção é realidade*, Flusser está provocando a filosofia em todas as suas áreas de especulação, a começar pela ontologia que sistematicamente, ao longo de sua história, forjou as categorias de nosso entendimento “correto” das coisas, do mundo e de nós mesmos. Trata-se de assumir uma nova responsabilidade em nossa relação com a filosofia e com o que chamamos realidade. Assumir que toda perspectiva de conhecimento é uma ficção significa afirmar o caráter fundamentalmente criador da condição humana. O que nos caracteriza ontologicamente não é exatamente a capacidade de descobrir e revelar as verdades, mas antes uma *disposição poética*, uma tendência irrecusável para a criação que nos fornece sempre uma dose a mais de responsabilidade perante o mundo. É em termos de *engajamento* que Vilém Flusser concebe sua relação com a realidade e a cultura, particularmente o Brasil. Mas tal engajamento significa seu trabalho com a língua: no interior das línguas e no espaço entre as línguas, a difícil tarefa da tradução. Flusser praticava seu ensaísmo escrevendo em um idioma e vertendo para outros: em geral, do português brasileiro para o alemão, e vice-versa, mas também para o inglês e para o francês, preterindo tanto quanto possível e por razões de seu

próprio método sua língua mãe, o tcheco. Falar e escrever em vários idiomas é para Vilém Flusser engajar-se na criação de múltiplas realidades. Haveria tantos mundos humanos quantas são as línguas existentes e praticadas, e no limite, ainda teríamos que considerar a variação de perspectiva criada por cada falante. Não se trata apenas de propor uma reconciliação entre a filosofia e a literatura, mas de reconhecer que a criação poética é a condição de toda ciência e de toda filosofia.

Um entendimento mais radical da liberdade humana decorre dessa provocação filosófica. Sabemos como Flusser foi influenciado pela fenomenologia e pelo existencialismo, mas o que determina singularmente seu método de pensamento é muito mais uma reflexão acerca da própria condição existencial. *Bodenlos*, que significa *sem chão* em alemão, é o título de sua autobiografia filosófica, publicada pela primeira vez na Alemanha, em 1992. O homem sem chão, ou sem fundamento, situação de vida absurda que ele compara, no início do livro, a de flores no vaso enfeitando a mesa, seria uma espécie de protótipo da própria condição humana. Isso porque a experiência do exílio impõe uma consciência muito mais viva do fenômeno da língua. Ter que viver e se expressar através de uma língua estrangeira é como experimentar uma espécie de segundo nascimento. Essa situação absurda de viver sem chão Flusser converte na fonte de sua própria liberdade. O colo da pátria e o manto da língua mãe nos conduzem a um regime de hábito mental, problemático para o exercício do livre pensamento. A filosofia como exercício da liberdade e superação do hábito seria uma forma de provocar a nossa própria estrangeiridade diante do mundo, é o que parece sugerir Vilém Flusser. Mas nunca é demais repetir: a verdade mais fundamental da atividade filosófica não é a obstinada e histórica busca das verdades, mas a condição criadora inerente ao ato de filosofar. A verdadeira liberdade é a vocação poética do pensamento.

Este dossiê da Revista Ideação, *Vilém Flusser – filosofia e ficção*, dedica-se a relembrar e estudar novamente este filósofo *sui generis*, que ainda permanece sendo no país que o acolheu uma estranha e inexplicável lacuna. O dossiê reuniu 12 artigos, um deles uma tradução de um ensaio de Flusser, que direta ou indiretamente dialogam com o tema proposto da relação entre filosofia e ficção no pensamento de Vilém Flusser.

Eva Batličková, em *Filosofia nos moldes da poesia – um drama poético que principiou o caminho de Vilém Flusser*, propõe uma análise da filosofia de Flusser a partir das fontes literárias de seu pensamento. Vilém Flusser é reconhecido sobretudo pelo seu ensaísmo, mas sabemos como o próprio estilo dos ensaios flusserianos é marcado pela literatura. Batličková,

pesquisadora conterrânea de Vilém Flusser, elege para sua análise a peça de teatro *Saul*, escrita por Flusser quando ele tinha 16 anos, mas praticamente desconhecida de seus leitores. O estudo surpreende ao revelar as raízes poéticas e filosóficas do pensador tcheco-brasileiro em uma obra de adolescência.

Eduardo Nespoli, em *O imaginário como potência em Vilém Flusser – relações entre arte e jogo na pós-história*, aborda o conceito de imaginário nos processos de objetificação do mundo, tema constante nas análises de Flusser sobre o conceito de cultura. O que interessa a Nespoli é entender o imaginário como princípio de codificação e transformação do mundo. Naturalmente as relações entre arte, jogo e pós-história tornam-se centrais no estudo. Analisando a função dos aparelhos pós-históricos de Flusser, o pesquisador propõe a ideia de tecno-imaginação para entender os processos no campo dos sentidos e da experiência do mundo.

Maria Lucia Santaella Braga, em *A inevitável dose de ficção da linguagem*, investiga a relação entre o ficcional e o não-ficcional no pensamento de Vilém Flusser, adotando uma abordagem semiótico-cognitiva. A autora se debruça sobre os discursos da ciência, da fotografia e da filosofia para analisar as consequências da indistinção ontológica proposta por Flusser entre ficção e não-ficção, que Braga considera tão original quanto enigmática.

A relação entre o pensamento de Flusser e a poesia concreta é o tema explorado nos artigos de Rafael Miguel Alonso Júnior e de Charliston Pablo do Nascimento. Em *Vilém Flusser e a poesia concreta – do elogio ao novo homem à crítica do poeta engajado*, Rafael Alonso aborda a interpretação de Flusser do projeto estético da poesia concreta. Alonso lembra das análises otimistas de Flusser em seu ensaio *Fenomenologia do brasileiro*, onde o filósofo, ao interpretar a cultura brasileira, enxergava a possibilidade de emergência de um novo modelo de homem. Primeiramente, os concretistas desempenhavam papel fundamental nesse processo cultural, mas Flusser volta atrás no diagnóstico e rompe com Haroldo de Campos ao criticar sua pretensão de engajamento político. Em *Vilém Flusser e a poesia concreta – considerações sobre a retórica e o problema da interpretação*, Charliston Nascimento recorre aos conceitos de retórica e interpretação oriundos da filosofia da arte de Arthur Danto para analisar a querela entre Flusser e os concretistas. A respeito da crítica de Flusser, Nascimento lembra que não houve por parte dos concretistas, sobretudo Haroldo de Campos, uma reação que pudesse fornecer as bases de um diálogo para o entendimento do debate. O pesquisador sugere, enfim, que haveria um conflito retórico entre Flusser e os concretistas e também que a interpretação de Flusser da poesia concreta teria um caráter ilustrativo.

Um diálogo entre Vilém Flusser e Oswald de Andrade é o tema de Rodrigo Duarte em *A antropofagia e a “busca do novo homem”*: sobre a peculiaridade do Brasil em Oswald de Andrade e Vilém Flusser. Duarte resgata um texto pouco conhecido de Flusser onde o pensador afirma ser Oswald de Andrade o maior filósofo brasileiro. O pesquisador vai tirar um bom proveito dessa sentença de Flusser acerca do poeta antropofágico, sobretudo no que diz respeito a um aspecto fundamental de ambos os autores, e que parece configurar um denominador comum entre seus projetos estético-filosóficos: a ludicidade como característica essencial do ideal de um novo homem.

No artigo *Caixa-preta da nau filosófica – a ficção científica como fotografia descritiva*, Diego Chabalgoity, a partir de múltiplas referências no campo da ficção científica, de Mary Shelley a George Lucas, propõe-se a pensar o papel da ficção científica na popularização do conhecimento. Para tanto, o autor centraliza sua análise no ensaio flusseriano *Filosofia da caixa-preta – ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Para entender as relações entre conhecimento e ficção, Chabalgoity interpreta o gênero ficcional como fotografia descritiva. Os conceitos de caixa-preta, tecnoimagem, fantasia e ficção se articulam para mover uma análise das questões desafiadoras no horizonte de nossa sociedade tecnocentrada.

Rodrigo Barbosa tematiza o diálogo entre Flusser e McLuhan em *Revisitando a aldeia global – diálogo entre Vilém Flusser e Marshall McLuhan*. No artigo, Barbosa apoia-se nos escritos de Flusser e McLuhan, bem como de vários comentadores, para discorrer sobre o teor da crítica que Flusser elaborou ao conceito de *Aldeia Global*, de Marshall McLuhan. A crítica de Flusser toma como referência a distinção entre discurso e diálogo, base fundamental de sua teoria comunicológica. O artigo aponta para alguns equívocos que estariam nesta leitura que Flusser faz do conceito de McLuhan.

Leonardo Kussler e Marcos Beccari aproximam Flusser e Gadamer através dos conceitos de ficção e racionalidade oscilante, no artigo *Consonâncias da ficção em Flusser e a racionalidade oscilante em Gadamer*. Kussler e Beccari analisam a hermenêutica filosófica de Gadamer, principalmente naquilo que implica uma crítica metafísica das pretensões de verdade absoluta. A noção flusseriana de ficção filosófica mostra-se muito adequada para articular um diálogo consequente e inusitado entre o filósofo alemão e o pensador tcheco-brasileiro.

O debate entre Vilém Flusser e Guimarães Rosa, um clássico tema dos estudiosos de Flusser, é revisitado por Diego Bornhausen e Gustavo de Castro em *Vilém Flusser e Guimarães Rosa – aproximações*. A partir de pesquisas no Arquivo Flusser e no Fundo Guimarães Rosa, os autores propõem três campos de aproximação: biográfico, filosófico e estético. Conhecemos

a imensa estima que Flusser nutria pelo escritor mineiro, que mereceu um belo capítulo em sua autobiografia *Bodenlos*. Rosa era uma espécie de estudo de caso da filosofia flusseriana da língua. Bornhausen e Castro analisam uma diversidade de aspectos no diálogo entre os escritores, mas concluem que ainda restam muitos pontos a serem estudados e descobertos no encontro entre Rosa e Flusser.

O tema da tecnoimagem e da relação com a verdade é abordado por Pablo Barroso em *Unveiling truth – Flusser’s illusory objectivity of technical images*. Barroso aponta que as análises de Flusser sobre as relações entre verdade e objetividade nas imagens técnicas tem consequências importantes para uma abordagem contemporânea da cultura visual. O autor tem como objetivo mostrar a pertinência e profundidade das análises de Flusser para um exame crítico de nossa cultura midiática e tecnológica, e conseqüentemente para entender a modulação de nossos padrões de percepção da realidade.

Finalmente, Jessé Torres assina a tradução para o inglês de um ensaio de Vilém Flusser, intitulado *Um mundo fabuloso*. O texto aparece pela primeira vez em 28 de novembro de 1964 no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. Posteriormente reaparece como o primeiro ensaio da coletânea *Ficções filosóficas* (1998). Torres considera o texto um ensaio seminal, com razão, pois é uma espécie de experimento ficcional, filosófico e literário, que será retomado e aprofundado anos mais tarde em seu *Vampyroteuthis infernalis*. Trata-se de uma *fantasia exata* onde um polvo, uma solitária e um feto buscam convencer os leitores sobre sua superioridade evolutiva face aos demais. O resultado provocado é a exposição de atritos entre as teorias de Freud e de Darwin.

Esperando que este dossiê possa contribuir para disseminar o pensamento de Vilém Flusser no Brasil, lacuna que ainda persiste em nosso meio intelectual e acadêmico, desejamos a vocês uma ótima leitura.

André Brayner de Farias (UCS – Universidade de Caxias do Sul)